

Universidade Pedagógica de Moçambique

Delegação da Beira

Faculdade de Ciências da Linguagem, Comunicação e Arte (FCLCA)

Curso de Licenciatura em Ensino do Português

TEORIA DA LITERATURA:

Distinção entre Teoria e Crítica literárias

Bonete Júlio João Chaha¹

bonetechaha@hotmail.com

Resumo:

Este trabalho tem como objectivo, estabelecer os limites ou divergências existentes entre os termos acima referenciados, buscando de certa forma, discuti-los, numa vertente de estudos literários, à luz dos trabalhos de autores como Aguiar e Silva (1976), Wellek e Warren (1966), Atkins (1934), Culler (1999), Samuel (2002), entre outros. As obras literárias têm sido criticadas ou avaliadas há séculos, tendo em conta vários critérios, que dependem, entretanto, de princípios, época, origem, história, natureza e função delas.

Palavras-chave: Teoria da literatura; Teoria; Crítica; Obras literárias.

1. Introdução

Ao se falar da história da teoria e crítica literárias, olha-se como referência o trabalho de Platão, “*A República*”, como marco inicial de abordagens sobre os termos teoria e crítica literárias. Com efeito, a história da teoria e crítica literárias remonta a antiguidade. Nesse sentido, a teoria e crítica literárias são conceitos aglutinados, à medida que o seu objecto de análise é o discurso de um outro

¹ Estudante do Curso de Licenciatura em Ensino do Português.

discurso, procurando entender, de certa forma, a essência, a substância de uma obra literária, não só literária, mas também das outras não consideradas literárias. Aliás, elas são tratadas como uma sucessão ou sequência de abordagens ou proposições que competem entre si, cada uma com suas posições e convenções teóricas. Por outro lado, elas são interdisciplinares, um discurso com efeitos fora de uma disciplina específica.

De um modo geral, a teoria e crítica literárias são, entretanto, uma crítica do senso comum, de conceitos considerados como naturais, uma reflexão sobre reflexão de mecanismos dos quais nos servimos para fazer sentido das coisas, na literatura e em outras áreas do saber.

2. Distinção entre Teoria e Crítica Literárias

Para se abordar sobre os conceitos de teoria e de crítica literárias, é imprescindível, em primeiro lugar, saber o que é teoria e o que é crítica.

Ao se falar da teoria e crítica, trata-se de dois conceitos distintos que se engajam nos estudos literários. No entanto, esses conceitos, no olhar de uma maioria, parecem ser “estranhos”, ou melhor, são “estranhos” tanto que as suas definições são muitíssimo amplas e geradoras de problemáticas.

Tem-se notado em muitas obras de abordagens teórica e criticamente literárias, diversas e distintas asserções relativamente à que realmente se pode considerar crítica e teoria, suas origens e formas. Nesse sentido, a pergunta que se coloca é: *O que é teoria? O que é crítica?*

2.1 Teoria

Segundo a UCB (2006:13)² a palavra teoria advém do grego *theoría*, que significa *“conhecimento especulativo, meramente racional; conjunto de princípios fundamentais de uma arte ou ciência; opiniões sistematizadas.”*

² Universidade Castelo Branco. *Teoria da Literatura I*. UCB, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://ucbweb.castelobranco.br/webcaf/arquivos/Teoria da Literatura I.pdf>> Acesso em 25 de Julho de 2017.

Para Lima (1983: 451), *“a teoria poderia ainda ser vista não como uma caixa de ferramentas, mas como uma sistematização aprofundada a respeito da literatura³.”*

Nesse sentido, fazendo uma análise das duas ideias, por um lado, pode entender-se, de certo modo, que há um casamento entre elas, ou seja, elas partilham a mesma ideia, tanto que acabam por desaguar naquilo que é a sua essência, a sistematização de ideias. Por outro lado, os dois autores parecem ter os mesmos princípios teóricos, a medida que consideram o termo teoria não somente como uma gama de instrumentos, mas como uma série de axiomas, ou melhor, conhecimentos aprofundados e sistematizados a respeito de um campo de saber.

Por sua vez, Culler (1999: 12-13), aduz que teoria é *“um conjunto de reflexão e escrita cujos limites são excessivamente difíceis de definir.”* Ainda, o mesmo autor citando o filósofo Richard Rorty, faz menção de um novo género misto, que começou no século XIX e cujo mesmo foi apelidado *teoria*, que passou a designar obras que conseguem contestar e reorientar a reflexão em campos outros que não aqueles aos quais aparentemente pertencem.

Retomando o adágio acima, percebe-se que teoria é um conceito transcendente, isto é, conceito que atravessa outros campos de saber científico, não se limitando apenas ao campo de estudo de uma certa área do saber. Dito de outro modo, o conceito de teoria para o autor tem uma definição imensurável que, por um lado, pode ser analisada do ponto de vista restrito e, por outro, dilatado, englobando diversas e distintas dimensões do homem.

Numa outra perspectiva, Culler (1999: 14) diz o seguinte:

A teoria é muitas vezes uma crítica belicosa de noções de senso comum; mais ainda, uma tentativa de mostrar que o que aceitamos sem discussão como “senso comum” é, de facto, uma construção histórica [...], a teoria envolve um questionamento das premissas ou pressupostos mais básicos do estudo literário, a perturbação de qualquer coisa que pudesse ter sido aceita sem discussão.

³O termo literatura deve ser compreendido no seu sentido amplo.

Tendo em conta esse pensamento, percebe-se que o autor olha para a teoria como uma ferramenta de reformulação do conhecimento popular (senso comum), ou melhor, um veículo de ascensão de reflexões em torno daquilo que se considere indiscutível e aceite como cabal superficialmente.

2.2. Crítica

Segundo Coutinho (s/d: 136), o termo “crítica” provém do grego designando “*a acção de julgar; discriminar, encerra em si a noção de “avaliação.”*”

De maneira diferente, Welles e Warren (1966: 48)⁴, dizem que:

Entenderiam a palavra “crítica” em termos largos para significar não só os juízos sobre livros e autores, individualmente considerados, a crítica “de juízo”, a crítica prática, demonstrações de gosto literário, mas também e principalmente o que se tem pensado a respeito dos princípios e da Teoria da Literatura, da sua natureza, criação, função, efeitos e relações com as outras actividades do homem, os seus géneros, artifícios e técnicas, as suas origens e a sua história.

Entretanto, se se olhar para os postulados referidos, pode entender-se que o autor chama a atenção quanto ao emprego ou uso do termo crítica no seu sentido restrito, tornando-o extensivo a todos os âmbitos, partindo da sua génese, função, efeitos e as relações que mantém com as actividades intelectuais do homem, não só, mas também que se tome em consideração a natureza e a história do termo no âmbito do seu uso.

Por outro lado, Atkins (1934: 4), diz que o conceito de crítica é descrito como “*uma actividade de tipo multifacetado; ela pode consistir em teorizar ou julgar, legislar ou apreciar.*”

Fazendo uma apreciação do acima exposto, percebe-se que o autor considera a crítica como um conceito cujas tarefas são diversas e distintas, podendo, entretanto, ser usada para construir teoria ou princípios, leis ou analisar certos factos ou ideias propostas.

⁴ WELLEK, René & WARREN, Austin. *Teoria literária*. Versão espanhola de José M^a Gimeno. 4^a Ed. Editorial Gredos, Madrid, 1966.

Portanto, das várias posições arroladas sobre o termo crítica, consideramos, ou melhor, tomamos como satisfatória a posição de Wellek e Warren, visto que ela é envolvente vários aspectos, isto é, esses autores, do ponto de vista hermenêutico, definem a crítica tendo em conta a origem, a história, a função, a natureza e a sua relação com as actividades do homem no seu dia-a-dia.

2.3 Teoria e crítica literárias: *Que distinções?*

Relativamente aos termos teoria e crítica literárias, Wellek e Warren (1966: 48) apontam que as distinções mais importantes são as estabelecidas entre a teoria literária, o criticismo literário e a história literária.

No entanto, é somente com Platão que surge pela primeira vez a teoria da literatura. Nesse primeiro momento, a teoria literária não se coloca como uma disciplina autónoma, mas articula-se com as doutrinas morais, éticas, filosóficas e políticas do filósofo. Ela representa o primeiro esforço de sistematização e de conceitualização de valores, que vinham sendo desenvolvidos na literatura grega. (Wellek e Warren, op. cit., 48).

A par disso, Atkins (1934: 69), corrobora dizendo que podemos notar em Górgias traços da existência de uma teoria literária já no séc. V a.C. Mas é somente com Platão que começa um criticismo mais filosófico, o que o torna o pioneiro na teoria literária: E vendo sua obra como um todo, pode dizer-se com justiça que com ele a teoria literária realmente começa. Ainda, ele acresce que a teoria literária antiga era como um tipo de crítica teórica baseada na filosofia.

Com efeito, Aguiar e Silva (1976: 78), diz que a teoria literária ficaria no domínio dos modelos, princípios e categorias, sem conexão com as obras concretas, de modo a poder constituir-se como uma disciplina de especulação apriorística. Em função disso, ela cumpriria a função de estabelecer os métodos para que a crítica analise os fenómenos literários.

Ora bem, partindo das proposições tecidas nos parágrafos antecedentes, entende-se que o termo teoria literária embora tenha os traços da sua existência no séc. V a. C, foi com o grande filósofo Platão que ela começou, como uma alavanca de sistematização e criação de conceitos de valores que se faziam sentir na

literatura antiga. Nesse sentido, ela tinha como foco os modelos, princípios e categorias, não relacionados as obras verdadeiramente literárias, de forma a assumir-se como uma disciplina de reflexão baseada nos princípios filosóficos, com o papel de determinar as regras de estudo dos factos literários.

Mais uma vez, Wellek e Warren (op. cit., 48-49), olham para a teoria literária como *“o estudo dos princípios, categorias e critérios da literatura, ao passo que descrevem o criticismo literário e a história literária como os estudos das obras de arte concretas.”*

Samuel (2002: 7), advoga que *“a teoria literária reúne uma colecção de ciências que alguns tratam por “teoria da literatura”, outros de “teoria literária.” Teoria literária diz-se da teoria que nasce da prática literária da obra, da leitura.”* Além disso, a primeira tarefa da teoria literária consiste em saber o que é literatura.

Por sua vez, a UCB (2006: 13) define teoria literária como *“ciência que possibilita a análise e interpretação das camadas visíveis e invisíveis do texto literário.”* Na verdade, a teoria literária estabelece os modos pelos quais os estudos literários podem se organizar. Pode dizer-se, entretanto, que a teoria literária instrui os estudos literários ou os estudos da literatura.

Na óptica de Oliveira (2009: 16), teoria literária é *“um discurso, ou melhor, uma construção discursiva da qual participam muitos agentes, dentre os quais se destacam os autores e os leitores.”*Entretanto, ela configura-se como uma proposta de interpretação do fenómeno literário. Temos diversos movimentos teóricos importantes que buscam dar conta da produção literária. Portanto, é comum dizer que a teoria literária “corre atrás” da produção literária para compreender seus mecanismos de realização do modo mais eficiente possível.

Bem, olhando para as posições de Aguiar e Silva⁵, UCB⁶, Wellek e Warren⁷ e Oliveira⁸ sobre o termo em discussão, pode perceber-se que existe uma ponte entre elas, isto é, nota-se uma convergência nas ideias quanto ao conceito de teoria literária. Alias, esses autores consideram teoria literária como um meio legislativo,

⁵Aguiar e Silva (op. cit., 78)

⁶UCB (op. cit., 13)

⁷Wellek e Warren (op. cit., 48-49)

⁸Oliveira (op. cit., 16)

instrumento de censura dos princípios norteadores que estabelecem critérios de análise de uma obra literária. Por outro lado, para eles, teoria literária é um catalisador, define o que deve ser ou não considerado uma literatura.

No que diz respeito ao termo crítica literária, se considerarmos a etimologia da palavra “crítica”, podemos entender como crítica literária qualquer julgamento ou juízo de valor a respeito da literatura. Nesse sentido, a teoria literária que se baseia no julgamento das obras concretas deve ser considerada como um tipo de crítica, bem como os valores literários apresentados em determinado poema. (Wellek e Warren, 1966: 48).

Mais uma vez, Atkins (1934:6) diz que a crítica literária passa a ser, dessa forma, um subproduto de outras actividades intelectuais, tais como a filosofia, a retórica e a gramática.

Aliado à essa ideia, Samuel (2002: 7), diz que a teoria literária funda um tipo de actividade intelectual chamada crítica literária.

Por seu turno, Welleke Warren (1966:41), dizem que a crítica literária *“ora é entendida como uma actividade generalizante, capaz de incluir, sob a sua denominação, diversas formas de pensar a literatura, ora é entendida como uma actividade restrita ao estudo particular das obras concretas de literatura.”*

Numa perspectiva democrática, Schwarz (1998: 31) citado por Holanda (2012: 9) sustenta que *“a crítica literária pode oferecer um espaço paralelo ao da criação – um exercício de liberdade. Ela é a reassociação imaginante dos recursos de linguagem; de e sobre um dado autor.”*

Ainda, Holanda (2012: 5) diz que a crítica literária *“não é nenhuma liturgia que careça de um espaço consagrado para legitimar-se. Há crítica lá onde há uma paixão rigorosa pelo texto e que toma a forma interrogante de quem busca ver seus fundamentos para fazê-lo dizer mais.”*

No entanto, a crítica literária vem na contramão desse discurso aglutinador de valores e certezas – e aqui já toma a configuração de função crítica tal como a concebe a modernidade:

Seu objecto central é, através da perscrutação da linguagem, do jogo do imaginário, do alargamento das possibilidades do real, buscar uma outra inteligência do fenómeno literário. Remunerar o sentido que subjaz às palavras é carregá-las de uma possibilidade de liberdade – tarefa do crítico. Ademais, a função da crítica literária guarda a esperança de poder rectificar, alargar a leitura. (Ibid: 11-12)

Analogamente, Medeiros (2015: 15-16) citando Schlegel postula que a crítica literária deve auxiliar a obra de arte a proporcionar a possibilidade de reflexão, de autocrítica, de crescimento e aperfeiçoamento espirituais, pois de acordo com o filósofo da doutrina-da-ciência, *“a liberdade não significa nada mais do que tornar-se consciente de si mesmo.”*

Essa crítica literária, que observa a literatura em sua dimensão histórica e estética, busca fundamentar a actividade do crítico de literatura a partir de critérios universais, indicando a necessidade de se encontrar três elementos na obra de arte literária: a tendência, a impressão absoluta, e o ideal individual da obra. Através desses aspectos, o critico busca transcender a questão advinda de Kant sobre a impossibilidade de um juízo de gosto universal sobre a arte. A crítica literária, por sua vez, vê-se inserida diante de manifestações directamente ligadas ao fazer artístico, sobretudo, pelas relações entre discursos e objectos até então “inéditos” em busca de sistematização, como acontece sempre que uma nova manifestação artística ou tendência se evidencia na arte. (Idem).

Sobre essas relações envolvendo objectos e fenómenos ligados à teoria literária, Barthes (2003: 160), na década de 1970, apontou que: O objecto da crítica é muito diferente; não é “o mundo”, é um discurso, o discurso de um outro: a crítica é discurso sobre um discurso... daí decorre que a actividade crítica deve contar com duas espécies de relações: a relação da linguagem crítica com a linguagem do autor observado e a relação dessa linguagem-objecto com o mundo.

Machado de Assis (1865) citado por Samuel (2002: 9) diz que *“a crítica literária diz do valor da obra literária, a procura dos sentidos íntimos, a aplicação das leis poéticas, a relação entre a imaginação e a verdade.”* Ela verifica factos internos (personagens, estruturas), interpreta-os, verifica seu grau de verdade, seu valor e confere factos “externos”, como a sociedade, a história.

Portanto, conforme os aforismos acima, do ponto de vista analítico, a crítica literária seria, de certa forma, uma observação, um comentário, ou seja, uma censura de obras, envolvendo a retórica, com a finalidade de perceber, interpretar os factos inerentes aos valores sociais, culturais, políticos e até morais, apurando os seus factos externos e internos, como alude Atkins (1934: 6): a crítica literária é um subproduto de outras actividades intelectuais, tais como a filosofia, a retórica e a gramática.

2.3.1 Distinção

Retomando as asserções acima, nota-se, contudo, uma dificuldade de se estabelecer os limites entre teoria e crítica literárias. No entanto, Wellek e Warren, (1966: 49), apesar de terem definido, de forma clara, cada um dos termos, eles defendem uma interpenetração mútua da teoria e da prática, ou seja, da teoria e da crítica. Nesse sentido, torna-se difícil distingui-las uma da outra, uma vez que se interessam nos princípios, critérios que definem a obra literária. Mas, tendo em conta os conceitos de teoria e críticas literárias apresentados pelos autores distintos, podemos, de certa forma, estabelecer uma diferença entre eles.

Portanto, a diferença existente entre eles é o seu objecto, isto é, enquanto a teoria literária se preocupa em estabelecer os princípios, critérios, categorias das obras literárias, como diz Wellek e Warren (op. cit., 48-49), a teoria literária é “*o estudo dos princípios, categorias e critérios da literatura [...]*”, a crítica literária analisa os factos internos e externos das obras literárias, procurando trazer à superfície a sua veracidade, como afirma Machado de Assis (1865) citado por Samuel (op. cit., 9), “*a crítica literária diz do valor da obra literária, a procura dos sentidos íntimos, a aplicação das leis poéticas, a relação entre a imaginação e a verdade.*” Não só, mas também, Wellek e Warren (op. cit., 48) dizem que “*podemos entender como crítica literária qualquer julgamento ou juízo de valor a respeito da literatura.*”

3. Conclusão

Em gesto de conclusão, torna-se imperioso lembrar que o trabalho tomou como ponto de partida reflexões em torno dos conceitos de teoria e de crítica, sobretudo no âmbito da literatura. Como se viu, o trabalho de Wellek e Warren apresenta pontos de vista interessantes no que diz respeito tanto ao conceito de teoria assim como de crítica. Conforme seus pontos de vista, o conceito de teoria literária teria os seus traços de existência no séc. V a.C. Mas foi com Platão que realmente começa.

Os demais autores discutidos ao longo do trabalho relativamente aos conceitos de teoria e crítica literárias, Wellek e Warren, Machado de Assis, Medeiros e Atkins, de certa forma, concordam. Eles percebem a teoria e críticas literárias de maneira igual, como conceitos que devem ser tratados em paralelo e com a função de conceituar a produção literária, tendo em conta a origem, o tempo, os valores, género, função e história, estabelecendo simultaneamente, o que cada época considera importante em termos artísticos e culturais. Assim sendo, a teoria e crítica literárias seriam uma forma de libertar as obras literárias da ideia proporcionando um campo para as análises, das quais, pelo menos, todos pudessem participar com ideias, contribuindo de certa forma, para a conceitualização da literatura.

Por outro lado, numa vertente filosófica de Platão, os termos em alusão (teoria e crítica literárias), representam o esforço de sistematização e de conceitualização de valores morais, estéticos, culturais, resultantes da união de várias doutrinas filosóficas e políticas do crítico filosófico. Nesse contexto, esses conceitos constituem um processo de avaliação, análise de uma obra ou de obras literárias. Portanto, teoria e crítica literárias podem ser vistas como conceitos cuja tarefa é reformular o senso comum, guiando-o para uma nova visão do mundo, uma nova forma de perceber o significado, função, sobretudo, como elas são.

Bibliografia

AGUIAR e SILVA, V. M. *Teoria da Literatura*. 3 a ed. Portuguesa e 1 a ed. Brasileira. Martins Fontes, São Paulo, 1976.

ATKINS, J.W.H. *Literary criticism in antiquity: A sketch of its development*. Volume II - Graeco-Roman, Cambridge, London, 1934. Disponível em: <<https://archive.org/details/LiteraryCriticismInAntiquityVolume2>>. Acesso em 26 de Julho de 2017.

BARTHES, R. *Crítica e verdade*. 3 ed. Perspectiva, São Paulo, 2003. In: SANTA, E. V. *A Literatura em meio digital e a Crítica literária*. Hipertextus Revista Digital (www.hipertextus.net), n.7, Dez. 2011. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume7/08-Hipertextus-Vol7-Everton-Vinicius-de-Santa.pdf>>. Acesso em 25 de Julho de 2017.

COUTINHO, E. *Criação e crítica: reflexões sobre o papel do crítico literário*. Rio de Janeiro, s/d.

CULLER, J. *Teoria literária: Uma Introdução*. Beca Produções Culturais, Ltda. São Paulo, 1999.

LIMA, L. C. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2ª Ed. Revista e ampliada. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1983.

MEDEIROS, C. L. *A Crítica Literária de Friedrich Schlegel*. Tese de Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada. São Paulo, 2015. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/.../2015_ConstantinoLuzDeMedeiros_VCorr.pdf>. Acesso em 25 de Julho de 2017.

OLIVEIRA, S. *Teoria da literatura III*. 2009. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/320077718/TEORIA-DA-LITERATURA-III.pdf>>. Acesso em 25 de Julho de 2017. Acesso em 25 de Julho de 2017.

SAMUEL, R. *Novo manual de Teoria literária*. Editora vozes, Petrópolis, 2002.

SCHWARZ, R. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. Duas Cidades, São Paulo, 1998. In: HOLANDA, L. *Reconsiderando a crítica literária*.

Revista Fronteiras, São Paulo, n. 8, Julho de 2012, p. 9). Disponível em: <<http://www.pucsp.br/revistafronteiras/download/pdf/ConvidadoLourivalHolanda-versaofinal.pdf>>. Acesso em 25 de Julho de 2017.

UCB. *Teoria da Literatura I*. UCB, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <[http://ucbweb.castelobranco.br/webcaf/arquivos/Teoria da Literatura I.pdf](http://ucbweb.castelobranco.br/webcaf/arquivos/Teoria_da_Literatura_I.pdf)>. Acesso em 25 de Julho de 2017.

WELLEK, R. & WARREN, A. *Teoria literária*. Versão espanhola de José M^a Gimeno. 4^a Ed. Editorial Gredos, Madrid, 1966.